

ENUNCIÇÃO, TEXTO E DISCURSO: UMA BREVE ABORDAGEM ENUNCIATION, TEXT AND DISCOURSE: A BRIEF OVERVIEW

Vanderley José de Oliveira¹
Tônia Leigh Wind²

RESUMO: Este estudo aborda os conceitos de texto e discurso adotados no ensino de Língua Portuguesa. O objetivo é fomentar o uso da modalidade da língua falada e escrita pelos responsáveis pela linguagem nas escolas e demais instituições que lidam com o texto. Pois na atualidade visualiza-se, principalmente no interior da sala de aula, uma aula de língua materna ainda pautada na normatização e nos ensinamentos efetuados pelos jesuítas a mais de 500 anos, quando catequizavam os nativos. O processo de formação dos professores nas universidades tende a incutir conceitos, não motivos, regras, não possibilidades. Assim, essa prática acadêmica é transmitida para os profissionais de outras áreas. No entanto, o contexto requer destes agentes, uma postura teórica e metodológica que enfatize o texto e suas possibilidades literárias, linguísticas, normativas e discursivas. Visto que a língua passa por modificações contínuas, não só ao longo de sua história, mas no hoje, no agora. Por isso a necessidade de um trabalho discursivo que apresente a linguagem como um processo de interação entre os sujeitos e sua historicidade: religiosa, filosófica e geográfica. Cita-se que o procedimento do estudo foi orientado pela pesquisa bibliográfica, com base nas reflexões de BENVENISTE (2006), PÊCHEUX (1997), BARTHES (1982), BAGNO (2005), ORLANDI (1999), ANTUNES (2007), SILVA (2004), SOARES (2006), dentre outros. Há no corpo do texto uma breve análise do poema “As realidades” (1924) do poeta francês Louis Aragon, que permite abordar no contexto atual, de forma exemplificativa as possibilidades de leitura de um texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Texto. Discurso. Enunciação. Formação.

ABSTRACT: This study addresses the concepts of text and discourse adopted in the teaching of the Portuguese language. Its objective is to foster the use of the modes of spoken and written language by those responsible for language instruction in

¹ Mestrando em Letras, Literatura e Crítica Literária Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC/GO, deleynet@hotmail.com.

² Orientadora, Doutora em Línguas Neolatinas pela Universidade da Geórgia, EUA, Professora Assistente I – Departamento de Letras da PUC Goiás, toniawind@gmail.com.

schools and other institutions working with text. Still today, it is common to see, mainly within the classroom environment, a native language class that is still guided by the standardization and teachings established by the Jesuits more than 500 years ago, when they were responsible for the religious instruction of the natives. The process of training of teachers in universities tends to instill concepts, not motives, rules, not possibilities. As such, this academic practice is transmitted to professionals in other fields. However, the context demands of these agents a theoretical and methodological approach that emphasizes the text and its literary, linguistic, normative and discursive possibilities. Since language undergoes constant modifications, not only throughout its history but today, right now. Hence, the need for a discursive paper that presents language as a process of interaction between the subject and its religious, philosophical, and geographical history. Citing that the method of the study was guided by bibliographic research, based on the reflections of BENVENISTE (2006), PÊCHEUX (1997), BARTHES (1982), BAGNO (2005), ORLANDI (1999), ANTUNES (2007), SILVA (2004), SOARES (2006) , amongst others. In the corpus of the text, there is a brief analysis of the poem "The Realities" (1924) by the French poet Louis Aragon, which allows us to address and exemplify the various possibilities for the reading of a literary text.

KEYWORDS: Text. Discourse. Enunciation. Educational Training.

INTRODUÇÃO

As questões inerentes a língua, em especial a linguística do texto, e mais recentemente a análise do discurso são temas de discussão na sociedade de conhecimento da linguagem. Esta reflexão objetiva discutir a relação entre estes tópicos, não de forma antagônica, mas como possibilidade de interação entre os sujeitos: texto e análise do discurso; além de estudar (via teorias) às influências e os reflexos destas correntes no campo da linguagem e juntamente com o seu impacto no ensino atual.

As questões ensinar ou não gramática? Como o educador dessa língua vislumbra a sua própria língua e que língua ele fala? E o primordial, para ser um

líder da linguagem dentro do espaço escolar, será que o professor reconhece-se como um agente de letramento?

Pautando em tais questionamentos e sob a ótica da linguística e da análise do discurso, que contribuição essas linhas de estudos trouxeram para esse educador que inconscientemente “fala” uma língua e “ensina” outra? Ele tem essa percepção? Reconhece-se como um representante da língua? Para responder à problematização proposta nesse estudo é necessária a análise da formação desses profissionais; bem como abordar o discurso e o texto produzido na contemporaneidade. Para tanto, esta investigação, partiu-se inicialmente do aprofundamento bibliográfico, que facilitou a análise pretendida no que se refere à linguística, discurso, enunciado e texto. Esta etapa teve por base a análise de estudos feitos por vários indagadores da língua, principalmente os franceses e seus estudiosos brasileiros. Os principais referenciais teóricos são: BENVENISTE (2006) PÊCHEUX (1997), BARTHES (1982), BAGNO (2005), ORLANDI (1999), ANTUNES (2007), SILVA (2004), SOARES (2006), dentre outros.

Para dar continuidade a essa reflexão exige o retorno ao início do século XX, momento que encontram-se as formulações de Saussure, lingüista suíço cujas reflexões serviram de base para a constituição da linguística como a conhecemos hoje, ou seja, como uma ciência. Não tem como realizar uma reflexão da língua, sem antes abordar o trabalho de Saussure no *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma, escrita a partir dos rascunhos de seus cadernos, bem como das anotações de seus alunos. É uma abordagem estruturalista, concentrando-se nas dualidades opositivas (língua/fala, paradigma/sintagma, diacronia/sincronia), deixando de lado o que mais tarde, com o aparecimento mais elaborado dos manuscritos de Saussure e da publicação dos próprios cadernos dos alunos, reconhece-se como um esboço de um sistema de pensamento não acabado.

Neste contexto, Benveniste, linguista estruturalista francês, mesmo tendo acesso apenas ao *Curso de Linguística Geral*, como um dos discípulos de Saussure, soube lê-lo com uma sensibilidade que o fez perceber a inovação e a singularidade do pensamento saussuriano. Veja em seu discurso polifônico o que ele tenta mostrar e resgatar na linguística.

[...] quando Saussure introduz a ideia de signo lingüístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser

outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante. (BENVENISTE, 2006 p, 224)

Essa originalidade é perceptível em relação à significação quando compara ao trabalho do mestre Saussure, pois há na arte da linguística Benveniste um olhar mais amplo da forma e seus signos. Com ele surge o elemento enunciador que liga a língua e a fala de forma mais apropriada, visto que norteia seus estudos nas dimensões semiótica e semântica, bem como outros fatores que colocam os sujeitos como protagonistas dos discursos. Ressalta-se que a língua é um bem social e os sujeitos possuem um conhecimento internalizado que de forma partilhada o usa nas relações comunicativas.

A constatação do uso da língua está na fala. Ou seja, passa-se da língua para a fala porque existe a enunciação, que é o ato de dizer algo, enunciado é o dito. Nesse sentido, Benveniste demonstra que enunciação é a apropriação da língua por um ato individual, ele ressalta que a enunciação é em primeiro lugar a instância de mediação entre a língua e a fala. Nesse estudo criou-se algumas noções de categorias linguísticas, as quais servem de base para passar da língua para fala, tais como (“eu” é aquele que fala algo / “tu” é aquele com quem se fala / “ele” é aquele de quem se fala). Essas categorias da enunciação: pessoa, tempo, espaço serviram para Benveniste mostrar para as pessoas que elas não eram particulares de uma língua apenas (francesa), mas que faziam parte de qualquer estrutura linguística, visto que o que difere uma língua para língua é a forma de como elas expressam, ou seja, todas possuem um “eu, um aqui e um agora” que indicam as pessoas o tempo e o espaço.

A análise do linguista é base para a compreensão de qualquer leitura textual, seja de uma narrativa literária, até mesmo perpassando por um simples bilhete: “Estive aqui e não a encontrei, volto amanhã”. Quem esteve? Em que lugar, espaço? Que dia é esse amanhã? Está implicitamente a relação do conhecimento da língua com a situação de enunciação e comunicação. Por isso que é preciso em uma situação desta explicitar “o eu, o aqui e agora”, é como deixar à mostra os elementos básicos para se enviar uma carta (data, remetente, destinatário). O certo é que a linguagem sempre foi um enigma desafiador, mas também sedutor. Não é objetivo o

aprofundamento do assunto no momento, mas trazer algumas informações que instigue, não só os estudiosos da língua, e sim, o sujeito comum, de que a língua é viva e passa por mutações e que o mestre, pode sim, ser superado por seu discípulo. O exemplo já é antigo, mas serve para os professores, linguistas e críticos literários. O saber é social. E todos em seu trabalho com a palavra devem estar em constante aperfeiçoamento, lendo o mundo e se lendo.

Na contemporaneidade nunca se falou e debateu-se tanto em relação aos aspectos inerentes à produção cultural, discurso, língua e texto. Nos quais há vozes em discursos históricos, religiosos e filosóficos que precisam ser analisadas, não só pelos leitores dotados de títulos acadêmicos, mas pelos sujeitos que usam a língua de seu país. Segundo Silva (2004) o ensino de língua materna é um trabalho de criação e não uma obrigação mecânica que se repete a cada aula que se dá. No que se refere ao ensino de língua materna é corriqueiro ouvir: “não sei português”, “não sei falar português”, ou “português é muito difícil”. Então o que se ensina em sala de aula? Mesmo que alguns profissionais da área procurem ensinar de forma que o discurso e a interação linguística aconteçam, ainda há uma grande maioria que está acomodada em relação às mudanças diárias que acontecem com a língua. Inúmeros, como os mesmos livros de outrora, e o pior, com a mesma ideologia. Corroborando a referida autora, Orlandi (1999, p.15) argumenta que a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento.

Assim, é imprescindível que os articuladores do discurso, sejam eles professores, escritores, padres, pastores, políticos, advogados, juizes realizem um trabalho com a língua, onde o fato simbólico tenha relação com a historicidade dos cidadãos comuns, de forma que todos sintam e hajam como integrantes dos acontecimentos discursivos.

A língua de um povo é produzida socialmente, sem regras, com o objetivo de interação entre seus pares, a gramática de um país é construída por especialistas, com o objetivo de ordenar, impor regras. Em relação à temática, no livro *Preconceito Linguístico*, Marcos Bagno (1999) defende e explicita a ideia de que todo e qualquer brasileiro, seja qual for sua origem social, tenha o direito nos bancos escolares de ler os melhores escritores, entender o que diz o telejornal das oito horas, tirar todo o

proveito das modernas tecnologias, escrever o que lhe der na telha, ter acesso a línguas estrangeiras e por aí vai.

Esse objetivo por uma língua mais viva é o grande desafio da educação brasileira na atualidade. Pois, nas aulas de língua materna em qualquer ano/série da Educação Básica, visualiza-se que os educadores têm dificuldades de fazer uso da língua padrão, no entanto, a exigem dos educandos. Em contrapartida, ao fim de aulas cansativas, sobre conceitos de substantivos, flexões verbais percebe-se que o discípulo não se apropria desses conceitos e o mais grave não sabe fazer uso contextualizado dos diversos gêneros textuais, nas mais diversas situações discursivas de interações sócio-comunicativas. O fato é que o docente não consegue perceber, talvez por falta de uma boa formação linguística, normativa e discursiva, a importância da interação entre língua e fala via um bom texto, de preferência literário. O reflexo de tal prática é o aluno à margem do processo de letramento.

Assim, não só anos finais do Ensino Fundamental, mas a Educação Básica e também Superior terá alunos provindos de um processo de letramento, insuficiente, para que atenda as habilidades básicas de leitura, compreensão textual e análise linguística. O resultado é a fragmentação em relação à função social da língua. Pois ela é a primeira modalidade em que os estudantes se deparam na escola e a que o elevará socialmente.

Daí a necessidade de como diz Orlandi (1999) de se trabalhar no cotidiano a língua não como um sistema abstrato, mas como um discurso produzido no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

O que não é interessante no contexto atual é visualizar a língua como uma caixinha fechada (norma/linguística/discurso/texto). Ela é viva, e está acontecendo e sendo usada pelos sujeitos de todas as ideologias, historicidades, classes e geografias.

TEXTO E DISCURSO: PONTO DE PARTIDA DA LINGUAGEM ENUNCIATIVA

Para que a sociedade tenha melhores leitores e produtores é preciso que a aula direcionada aos alunos tenha foco no letramento, partindo sempre da investigação leitora, do compromisso com a compreensão, não só com a norma. Para tanto, a formação dos profissionais que lidam com a língua, os quais atuam como agente de letramento é primordial. Reitera-se, não é objetivo nessa reflexão discutir quem é melhor se é a linguística, a normatização ou a análise do discurso, mas apontar direcionamentos teóricos que possibilitem aos articuladores da língua, caminhos onde tais linhas de estudos se articulem e melhore a vida, não só dos alunos, mas de todos, primordialmente daqueles que estão na docência, o professor. É importante que esse profissional como representante da palavra na sociedade tenha condições sociais e intelectuais para atuar como mediador da produção cultural de sua cidade, estado e país. Explicita-se que os estudos contínuos em relação aos aspectos da língua dependem da vontade governamental, mas também dos profissionais que estão à frente da disseminação da palavra. O professor, ou qualquer outro profissional que represente a cultura, precisa primeiramente ser um leitor; de seu entorno, de sua obra literária. Ele precisa ser também um produtor, não um re-produtor. Como representante do discurso, deve ser o primeiro de forma crítica ver nas entrelinhas, nas frestas das palavras e dos textos as possibilidades, as pontes, não as interpretações, e sim as compreensões. Para exemplificar a reflexão, uma breve análise do poema “As realidades” (1924) do poeta francês Louis Aragon.

AS REALIDADES

Era uma vez uma realidade
com suas ovelhas de lã real
a filha do rei passou por ali
E as ovelhas baliavam que linda que está
a re a re a realidade.
Na noite era uma vez.
uma realidade que sofria de insônia
Então chegou a madrinha fada
e realmente levava-a pela mão
a re a re a realidade.
No trono havia uma vez
Um velho rei perdia que se aborrecia
E pela noite perdia o seu manto

e por rainha puseram-lhe ao lado
a re a re a realidade.
CAUDA: dade dade a reali
dade dade a realidade
A real a real
Idade idade dá a reali ali
a re a realidade
era uma vez a REALIDADE. (ARAGON, 1924 p. 10)

Em relação ao objeto literário, o qual é um campo de mistério e sedução, o autor como enunciador, utiliza-se da literatura para levantar questionamentos e dúvidas sobre a realidade. É interessante ressaltar que além da presença da tipologia narrativa, há de forma explícita o uso do gênero textual poema como forma principal de exposição literária. Assim, o objeto de estudos se caracteriza por ser híbrido, ou seja, uma tipologia narrativa inserida no gênero poema. Cita-se que a característica da narrativa psicológica é elemento usado logo no início do texto, como cena introdutória “Era uma vez uma realidade”. Há nesta primeira frase a pretensão também de exaltar o primeiro grande signo a “realidade”, como forma de levantar dúvidas e explicitar certo sarcasmo. Visto que o fato narrativo intratextual em sua apresentação fragmenta a noção da “re a re a realidade”. Nesse sentido, a sensação é de que a realidade é uma invenção humana, duvidosa, que propõe ao homem um desapego à razão e a lógica.

Diante as vozes presentes no discurso, mesmo curto, é perceptível tais polifonias. Primeiro a do narrador, na sequência das ovelhas, logo em sua introdução: “E as ovelhas baliem que linda que está / a re a re a realidade”. Destaque para o valor literário do uso poético, filosófico e linguístico gramatical. O poema narrativo As realidades não dá respostas, mas instiga o leitor a uma re-leitura da obra de arte, de sua estrutura externa e principalmente interna. O desenvolvimento do texto é iniciado com uma inversão de frases de forma proposital, que enfatiza a problematização “Na noite era uma vez”. Na sequência, além da humanização da realidade, há a troca de palavras “Então chegava a madrinha fada”, bem como sugestões de que a realidade é incompleta, instável, questionável.

O desfecho do poema, traz os símbolos eminentes constituídos de poder: trono, rei e manto, no entanto, a linguagem artística noturna presente “e pela noite

perdia o seu manto”, sugere uma realidade intangível, onde a desintegração do homem perpassa até mesmo pela perda de sua própria realidade; além da existência na frase discursiva em destaque elementos da enunciação. Ironicamente ou não, a frase que finda o poema é a mesma que inicia, o que intensifica a provável ironia é o artigo definido “a”. “era uma vez a REALIDADE”. Tal inferência em relação à existência ou não da realidade, é também intensificada com a última palavra em negrito e em caixa alta no poema narrativo, REALIDADE.

Realizar essa desconstrução polissêmica e performática do poema “As realidades” e de tantos outros que circulam nos mais diversos canais informativos é papel dos leitores, professores e dos críticos literários. Beth Brait (2007) em seu livro *Texto ou discurso?* diz que “O discurso é um objeto linguístico e um objeto histórico”. Isso significa que ele é uma construção linguística, gerada por um sistema de regras que define sua especificidade. Ou seja, o discurso vai além da realidade, ele é construído por outros discursos, outras ideologias, outros tempos, há nele a dimensão ilimitada de recursividades. Vale mencionar que neste mesmo livro Brait discute também a distinção entre texto e discurso. Para ela texto é a manifestação de um discurso, assim, o texto pressupõe o discurso, que é, por implicação, anterior a ele.

É atribuição dos usuários da língua por intermédios dos já citados professores, escritores e as academias pensantes desmistificar os formatos simbólicos constituídos ao longo da história em torno da linguagem. Em relação a tal contexto, Irandê Antunes diz que

É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como mudanças, são percebidas como erros. (ANTUNES, 2007 p. 23).

Nesse sentido, encontra-se explícita a ideia de que a aula de linguagem interativa onde a análise do discurso aconteça e os sujeitos dialoguem de forma que não haja dominação nem segregação da linguagem. Pois a riqueza do texto está nas nuances, nas sugestões, nas criações verbais, no romper do processo narrativo.

Esse desvendar enunciativo do discurso deve fazer parte da vida cotidiana dos que lidam com a produção cultural. Em suas palavras sobre o discurso Bakhtin (1992) diz que um discurso se constitui em oposição a outro discurso, esta oposição entre os discursos que dá historicidade ao texto, ou seja, é a partir da leitura de diversos dados bibliográficos, históricos e literários que os indivíduos constituem o conhecimento. A respeito desta abordagem linguística Bagno (2005) diz que é necessário que os estudantes de letras, futuros professores de língua, conheçam profundamente a tradição gramatical e suas respectivas críticas feitas pelas diversas correntes da linguística moderna, e que esse tem que receber uma sólida formação científica. Além disso, para o autor, o conhecimento da teoria da gramática tradicional, das teorias linguísticas e das metodologias deve compor também a formação desse mediador produtor de discurso.

Nesse contexto, aparece uma questão intrigante: a necessidade de articulações híbridas onde via a norma, a linguística o discurso e o texto se relacionem, pois as palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em “mesmo” [...] mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e preposições são produzidas. (PÊCHEUX, 1997 p. 190).

Assim, as condições de discurso implica, no processo, considerar as relações sócio-históricas de produção no qual o discurso é produzido. Daí o motivo de tal hibridismo quando o assunto é o uso da língua.

Rajagopalan (2003) afirma que por não ser mensurável, não há como ensinar ou aprender o conhecimento prático; ele só pode ser adquirido através do contato contínuo, isto é, se praticado por um longo período. Pode-se considerar que um falante só dominará a língua padrão se colocado em contato contínuo com esta. Observa-se, no entanto, que o ambiente sócio-econômico-cultural da maioria dos falantes não proporciona esse contato, dificultando esse conhecer, restando apenas a sala de aula para se ter acesso a textos clássicos, literários, científicos, dentre outros.

No livro *Análise do Discurso*, Cleudemar chama a atenção para o fato imprescindível nas reflexões discursivas, visto que é importante

[...] a começar pela busca de um espaço na Linguística, discurso não é a língua e nem a fala, mas, como uma exterioridade, implica-as para a sua existência material; realizar-se, então, por meio de uma materialidade lingüística, cuja possibilidade firma-se em um, ou vários sistemas (lingüístico e/ou semiótico). (CLEUDEMAR, 2005 p. 24)

Nessa perspectiva o discurso encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, o analista estudioso necessita romper as estruturas linguísticas para chegar ao cerne da questão, ou seja, descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala. Assim, a linguagem só é possível quanto cada locutor se apresenta como sujeito questionador dos diversos discursos. Benveniste (2006) lembra que é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na sua realidade que é a do ser. Ao preparar uma aula, por exemplo, o professor deve planejá-la com base na situação de ensino e aprendizagem e relacioná-la ao seu contexto histórico, literário e ideológico o qual o sujeito está inserido. Pois a norma existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, lêem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua. Irandé em suas reflexões ressalta que

[...] só haverá o desenvolvimento completo da competência comunicativa e leitora, se essa for iniciada por meio da influência do educador que colocará o educando em contato com a diversidade textual existente na sociedade, através de uma mediação pedagógica adequada e se esse educador possui uma prática leitora. (ANTUNES, 2007 p.65).

Desta forma, falar de linguagem abre um leque grande de possibilidades, uma vez que trata-se de uma temática complexa a qual os teóricos já se debruçaram, mas que até hoje precisa-se de reflexão e debate continuamente. É preciso que os professores de língua portuguesa, centros universitários e dirigentes educacionais se unam em prol de pesquisas e formação continuada aos professores, onde a linguagem seja o ponto de partida para a melhora da prática pedagógica de sala de

aula; uma vez que, para se falar de língua materna é necessário falar da formação desse educador, um agente de letramento (SOARES, 2006).

A formação continuada, por meio da reflexão e fundamentalmente da teorização ajuda professores e dirigentes educacionais a propiciarem profissionais mais capacitados e aulas de linguagem mais vivas, onde o aluno seja motivado a estudar sua língua mãe de forma prazerosa, pois “a principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores” (PIAGET, 1995, p. 98). Para tanto é preciso criar condições de aprendizagem, espaços onde professores e alunos construam suas identidades com o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais. No contexto atual onde a tecnologia midiática invade a vida das pessoas e todos os espaços da sociedade, o ato de educar também está relacionado ao uso de suportes tecnológicos. Daí a urgência de uma mudança de atitude quanto ao ensino de Língua Portuguesa no interior das salas de aulas.

A ação do professor deve estar centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, enfim, na abordagem instigadora dos conteúdos inevitáveis que estão no currículo de qualquer escola. Sabe-se que essa matriz curricular, na maioria das vezes, faz do professor um mero reprodutor de conteúdos, que, em muitos casos, não há significado ou relação nenhuma com a vida dos alunos.

Assim o professor deve mudar sua forma de pensar e agir quando o assunto é o ensino da língua materna em sala de aula, pois existe uma grande tendência à repetição. Ele precisa ser um pesquisador permanente, que busca novas formas de ensinar e apoiar alunos em seu processo de aprendizagem, visto que a língua é viva, precisa ser cotidianamente refletida e analisada pelos agentes que a usam, no caso, os alunos, professores, acadêmicos, estudiosos, escritores e toda sociedade que esteja ligada direta ou indiretamente ao ato linguístico. Irandé Antunes (2003) expressa bem sua adversidade quanto o ritual presente e expresso nas lousas escolares brasileiras afirmando que

O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical,

conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sociais. (ANTUNES, 2003 p. 46).

“O equívoco”, como diz a autora submete e priva crianças, jovens e adultos de conhecerem o gosto e o sabor das palavras, frases e textos. A postulada aula de linguagem atual, ainda é pautada em uma sociedade colonial, dominada politicamente e religiosamente. Tal modelo não dialoga e nem está em consonância com as exigências do mundo pós-moderno, do conhecimento, da tecnologia, enfim da informação instantânea. O professor de língua portuguesa que está em sala de aula nos dias atuais, mesmo que tenha uma visão mais normativa, precisa propiciar aos seus alunos um estudo reflexivo da língua. Isso significa que o seu trabalho deve ser voltado para o uso do texto como ponto de partida de qualquer atividade.

Claudio Cezar Henriques, em seu livro *Literatura: esse objeto do desejo*, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997, realiza por meio de sua obra o desejo de docentes e discentes apaixonados pela linguagem: a integração das três disciplinas na abordagem do texto literário. Literatura, Linguística e Gramática podem, assim, entrelaçadas, satisfazer o desejo comum dos que têm como objeto a compreensão da linguagem humana. A obra de Henriques, mesmo não sendo um cânone perante as academias, possui visibilidade, visto que um dos objetivos principais desta reflexão é propor aos responsáveis pela linguagem no interior das escolas, igrejas, tribunais que adotem o texto como ponto de partida para análise de discursos.

A sociedade atual vive um momento impar de convergência tecnológica sem precedentes, e a escola, em especial o campo da “linguagem”, como parte deste contexto não pode ficar imune às transformações sociais, com vista ao desenvolvimento em todas as dimensões. Nesse sentido, promover e desenvolver as habilidades de leitura textual de forma discursiva, linguística e dialógica é uma necessidade. E este deve ser o foco do manejo com a língua materna em qualquer espaço que tenha aspectos cognitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo ora apresentado buscou subsídios teóricos para demonstrar que a língua é o bem mais social que existe, e como tal, requer de seus articuladores um

olhar reflexivo quanto à linguística, os discursos enunciativos presentes nos textos de qualquer gênero ou tipo. Reitera-se que a aprendizagem ocorre quando o conhecimento se apresenta de forma prazerosa, não só para os alunos em bancos escolares, mas para qualquer usuário da língua, pois, todos aprendem com a interação com o meio, com os outros e com o mundo. Nessa perspectiva é preciso a ação não só dos educadores responsáveis pela linguagem, mas primordialmente dos dirigentes educacionais e da classe pensante; escritores e academias universitárias.

A análise do uso da língua, seja ela escrita ou textual, aponta que é necessária uma melhora na formação acadêmica dos profissionais responsáveis pela interação sociolinguística meio social, bem como investimento individual desses agentes verbais em seus estudos contínuos. Pois é imprescindível que esses, conheçam as teorias que sustentam a norma, a linguística e as vertentes discursivas contidas nos textos. É notório: os profissionais de linguagem que utilizam o texto como norte de estudos literários, históricos, filosóficos e recursos educacionais interativos tem resultados satisfatórios em qualquer fase, e o melhor, há um jogo verbal e discursivo entre os sujeitos. Isso revela que sua formação deve ser constante, assim como a língua e seu dinamismo. Frisa-se, esse profissional que busca embasamento teórico em relação à língua; é questionador, pensa, reflete, levanta hipóteses e reinventa seu discurso em qualquer espaço, via qualquer canal suporte.

Enfim, os alunos como sujeitos que atuam na contemporaneidade têm o direito e precisam sentir e dialogar com as diversidades de gêneros literários, sem medo, sem pressão, apenas com gosto de ler, escrever e conversar sobre. Pois o ato de leitura é também de criação, e dela, surge as vozes enunciativas promovendo os diversos discursos os quais estabelecerão o tão desejado elo comunicativo entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino;5).
- BAGNO, M.; STUBBS, M. & GAGNÉ, G. *Língua materna: variação & ensino*. São Paulo. 3ª ed. Parábola. 2005.

- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BRAIT, Beth. *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2002.
- CLEDEUMAR, Fernandes Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias* – Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- GERALDI, Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo. Cortez, 1982
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso* – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. Lecture ET mémoire: projet de recherche. In. MALDIDIER, Denise. *L'inquiétude Du discours* – textes de Michel Pêcheux. Paris: Éditions des Cendres, 1990^a.
- PIAGET, J. *Abstração reflexionante: relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais*. Porto Alegre: ArtMed, 1995.
- RAJAGOPALAN. Kanavillil. *Por uma lingüística crítica* – linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo. Parábola. 2003.
- SILVA, Rosa Virgínia Matos e. *O Português são dois...* São Paulo. Parábola. 2004.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte. Autêntica/CEALE. 2006.